

MÁRIO PRATA: ENTRE O LEITOR OBSERVADOR E O CRONISTA ATENTO

Data de aceite: 01/03/2024

Filipe Rosa dos Santos Dias

Professor da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia

Nelson de Jesus Teixeira Júnior

Professor Doutor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

MÁRIO PRATA: BETWEEN THE OBSERVANT READER AND THE ATTENTIVE CRONIST

ABSTRACT: This paper seek to build an analysis of Mario Prata (2007) chronicle *Minha vizinha divina, maravilhosa* (1995), focusing its own structure, as well as the constitution of the storyteller in the author, reverberating in the reader meaning construction. Prata uses the chronicle to reach the everyday life mysteries and surprises and uses the reflection and observation as the main narrative resource to create a bunch of effects in his readers. During this work were used as contribution about chronicle as a text genre Antonio Cândido (2003), reception aesthetics theory authors as Luiz Costa Lima (1979), Wolfgang Iser (1979) and Hans Robert Jauss (1979). This way, the chronicle can reach the writer and reader experiences and expectations, this meeting cause a layer of effects that, on Prata's writing, develops based in the observation and incoherence of the storyteller.

KEYWORDS: Literature. Reception. Chronicle

RESUMO: O presente trabalho busca tecer uma análise da crônica *Minha vizinha divina, maravilhosa* (1995), de Mario Prata (2007), focalizando em como a estrutura da crônica, bem como a constituição do narrador de Prata, reverbera na construção de sentido do leitor. Prata utiliza da crônica para poder extrair os mistérios e surpresas da vida cotidiana e utiliza da observação como principal recurso narrativo para gerar diversos efeitos em seu leitor. Durante o trabalho, utilizou-se das contribuições de Antonio Candido (2003) sobre a crônica como categoria, teóricos sobre a estética da recepção como Luiz Costa Lima (1979), Wolfgang Iser (1979) e Hans Robert Jauss (1979). Desse modo, a crônica consegue aproximar as experiências e expectativas do escritor com as do leitor, e esse encontro provoca uma camada de efeitos que na escrita de Prata se desenvolve a partir das observações e incoerências do narrador.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Recepção. Crônica

Entre o leitor e o cronista há algo em comum que atravessa tais figuras sociais: o cotidiano. Mario Prata, enquanto escritor consagrado na contemporaneidade brasileira, não deixa passar em seus textos aspectos que, aparentemente, revelam-se irrelevantes aos olhos comuns, exceto ao de Prata, que transita entre o leitor observador e o cronista atento. Este texto busca organizar as primeiras leituras que foram realizadas sobre o livro *Cem melhores crônicas (que, na verdade, são 129)*, de Mario Prata (2007).

As crônicas apresentadas dentro do compilado estrearam em diversos jornais e em períodos diversos, sendo que o livro as organiza em subdivisões temáticas como palavras, crianças, amor, sexo, entre outros recortes. Ao introduzir a coletânea de crônicas, Verissimo (2007) defini Prata a partir de sua escrita, que captura o cotidiano de forma curiosa e precisa:

O Mario Prata é um dos melhores prospectadores de graça do país. Em ver e transmitir o que o brasileiro (para ficar só num exemplo especialmente cômico da espécie) tem de engraçado ele é inigualável. Mais do que ninguém sabe chegar no humor que ninguém tinha notado, diferenciar o urânio da areia e fazer a bomba na hora [...] (VERÍSSIMO apud PRATA. 2007, contracapa).

Essas características apresentadas podem se encontrar em maior ou menor grau durante o percurso da coletânea, pois o humor ocorre através da observação corriqueira e acertada do narrador. A própria constituição da crônica desenvolve uma proximidade entre o narrador e o leitor, como seres que habitam o mesmo mundo cotidiano.

Dito isso, focaremos, primeiramente, na crônica *Minha vizinha divina, maravilhosa* (1995) para reconhecer de qual forma Prata constitui seu narrador e como o humor é gerado pela construção da expectativa gerada através do seu olhar, às vezes certo, mas em muitos casos, distorcido. Deve-se salientar a diferença constitutiva da crônica para os outros gêneros literários, sendo que ela se origina com o avanço da imprensa e começa o seu caminho a partir do texto jornalístico. As suas temáticas se voltam para temas cotidianos e que dialogavam com o contexto do jornal, como salienta Candido (2003) em seu texto *A vida ao rés-do-chão* (2003):

Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é dos escritores que pensam em ficar, isto é, permanecer na lembrança e na posteridade; e sua perspectiva não é daqueles que escrevem do alto da montanha, mas ao simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um [...] (CANDIDO, 2003, p. 89).

O contato da crônica com o fazer literário desenvolve essa dinâmica de encontrar e/ou reencontrar essa dimensão cotidiana dentro da literatura. Nesse cenário, a crônica, então, atrai pelo seu formato compacto e de fácil poder de assimilação, mas o texto ainda carrega o poder de recalibrar a visão do leitor para as pequenas coisas, detalhes tão presentes na vida comum que se perdem na invisibilidade do dia a dia.

As diferenças entre a literatura e o texto jornalístico se tornam difusas dentro da crônica, ao passo que ela se torna cada vez mais coloquial e insere a realidade e a ficção dentro de sua estrutura. Mais uma vez, recorremos ao pensamento de Candido (2003) para reforçar essa aparente diferença temática e estrutural entre a literatura e o hibridismo da crônica:

A literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disso. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos cadentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas (CANDIDO, 2003, p. 89).

Ao enquadrar o texto de Prata dentro das considerações desenvolvidas por Candido (2003), pode-se perceber a evolução da crônica para além do suporte jornalístico, já que suas narrativas migram para o formato do livro. Desse modo, o texto adquire novas camadas ao ser transposto para outro suporte.

A partir disso, *Minha vizinha divina, maravilhosa*, datada de 1995, inicia com uma frase que localiza o tema e desenvolve uma ironia pela proximidade com o texto bíblico: “E o mundo descobriu que o Sexo era melhor que comer maçã no Éden (um lugar com esse nome não podia dar certo). E começou a sacanagem” (PRATA, 2007, p.85). Percebe-se que a contraposição entre sagrado e profano gerado pela inserção de sexo e sacanagem no livro de gêneses, no qual Adão e Eva são expulsos do paraíso após experimentarem do fruto proibido, gera o humor e introduz o capítulo que será inteiramente voltada às aventuras e desventuras sexuais. Nesse instante, o narrador parece se aproximar do leitor recorrendo àquilo que é comum no cotidiano das pessoas: o sexo, seja pela via da identificação, seja pela via do estranhamento.

O sentido do texto ficcional depende dos efeitos e dos impactos que o leitor pode “sofrer” a partir da experiência estética. Em o *Ato da leitura* (1996), Iser advoga a favor de uma valorização da experiência do leitor em oposição à possibilidade da imperiosidade de um único significado. Para ele,

O sentido como efeito causa impacto, e tal impacto não é superado pela explicação, mas, ao contrário, a leva ao fracasso. O efeito depende da participação do leitor e de sua leitura; contrariamente, a explicação relaciona o texto à realidade dos quadros de referência, e em consequência, nivela com o mundo o que surgiu através do texto ficcional (ISER, 1996, p.34).

Levando em consideração a teoria de Iser, os sentidos dependeriam da interação do leitor com o texto. No caso do autor Prata, ele vai utilizar dos pontos “cegos”, ou seja, das possibilidades dos levantamentos dos novos sentidos em relação ao sexo, para desenvolver suas observações e as suas revelações frente às narrativas.

O narrador ao efetuar essa pequena introdução da sacanagem, demonstra certa ironia também ao banalizar o conteúdo bíblico e simbólico. De acordo com o Dicionário de Símbolos (2006), a maçã representa um meio de conhecimento que pode provocar a união ou a queda. Na narrativa bíblica, esse fruto é responsável pela desunião do homem com o paraíso, enquanto que na Crônica de Prata, essa separação não é enquadrada como o descobrimento dos desejos carnisais, e sim da libertação de uma unidade repressora de sentidos acerca dos desejos sexuais tradicionais, o que termina desenhando caminhos de leituras que levam o leitor à reconfiguração de seus sentidos acerca da temática em tela.

Em relação a isso, o texto não determina o significado que o leitor irá extrair da experiência estética, pode apenas indicar certos caminhos que podem levar a expectativa do leitor para certas direções. Costa Lima, ao introduzir o livro *A literatura e o leitor*, afirma que “Diante do texto ficcional, o leitor é forçosamente convidado a se comportar como um estrangeiro, que a todo instante se pergunta se a formação de sentido que está fazendo é adequada a leitura que está cumprindo” (LIMA, 1979, p.24). Desse modo, considerando o texto de Prata, a construção simbólica que une a bíblia ao sexo abre certos significados dentro do texto, os quais podem indicar ao leitor caminhos aos sentidos.

A narrativa da crônica acontece através do narrador-personagem, que a partir do seu apartamento consegue visualizar a varanda de um prédio. Depois de uma noite, ele vislumbra a dança de uma mulher e passa a observá-la de diversos ângulos possíveis. Aqui, o narrador-personagem conduz o leitor por meio da leitura que faz de tal imagem presente no prédio. Retornando à narrativa, incapaz de dormir, o narrador-personagem acompanha essa dançarina, que no dia seguinte se revela enquanto apenas uma samambaia que balança com o vento.

O narrador, então, se coloca na posição de voyeur e começa a observar a dança dessa mulher e seu olhar se forma através da mistura de sombras e de embriaguez, cenário ideal para projetar as suas fantasias. Nessa conjuntura de circunstâncias, a imaginação do narrador ocupa um importante papel, pois viabiliza a construção de vários sentidos sobre o lido/visto. Segue o trecho em questão:

Para quem aquela mulher dançava àquela hora da madrugada? Para mim, claro. Era alta, devia ter uns um e oitenta de altura, E os cabelos então? Enormes, esvoaçantes, sensuais, encaracolados, talvez. Cabelo subia e descia sobre o seio que já estava quase a ver (PRATA, 2007, p. 90).

A imagem que se constrói não se completa, ocorre apenas o vislumbre de uma silhueta, desse modo, a narrativa se constrói através de uma dualidade entre atração e mistério através de um pacto oculto entre observador e observado. A busca do narrador é ver algo a mais, mas seu desejo esbarra no medo de se revelar, então a sua solução é procurar cada vez mais uma forma de encontrar um ângulo perfeito para observar sem se expor. Nesse sentido, a leitura realizada pelo narrador-personagem é cuidadosa, paciente e paulatina.

A dúvida que acomete o narrador pode, também, ser assimilada pelo leitor em sua posição de observador, nesse sentido, ele será capaz de sentir prazeres e angústias incitados pelo narrador. Tal possibilidade remete às categorias presentes na poética de Aristóteles, que estabelece certos efeitos que a obra poética pode realizar ao público. Esses conceitos fundamentais são reconfigurados por Jauss (1979) para demonstrar as formas que o leitor reconhece a experiência estética além da percepção:

De acordo com esta explicação de caráter estético-repcional, reúnem-se, no prazer estético, um efeito perfeitamente sensível, e um de ordem intelectual. Mas a experiência estética não se esgota em um ver cognoscitivo (*aisthesis*) e em um reconhecimento perceptivo (*anamnesis*): o expectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*) (JAUSS, 1979, p. 65).

Retornando ao texto de Prata, o leitor assume o mesmo olhar que seu narrador-personagem, ao ser incapaz de alcançar o fundo do mistério. Além de reconhecer intelectualmente os elementos narrativos (personagens, cenários etc.), ele, o leitor, pode ser afetado por suas próprias cargas emocionais despertadas pelo texto, sendo seduzido cada vez mais pelo espetáculo proporcionado pela vizinha.

Outro elemento importante para o texto é a inserção de um elemento fantástico. O narrador se espanta ao perceber que a dançarina não demonstra fadiga e continua a sua dança que comuta o elemento natural com a performance. Essa junção entre o banal e o fantástico define a trajetória da crônica e desenvolve ainda mais a tensão entre observador e observado, como se percebe no trecho abaixo:

Eu já estava empoleirado lá no banheiro há bem mais de meia hora e a mulher não parava de dançar. Pensei em pegar uma lanterna e iluminar tudo. Mas aí perderia o encanto, o canto dos ventos, o canto dos seus cabelos e ela iria entrar. Ia me descobrir e talvez nunca mais me oferecer aquele espetáculo mágico e noturno (PRATA, 2007, p. 91).

Por um momento, o ímpeto do narrador é iluminar as sombras, revelar tanto a dançarina quanto o voyeur que é, mas esse pensamento não se transforma em ação, pois percebe que se fizesse isso, a fantasia seria quebrada. Nesse momento, o narrador-personagem parece insinuar, para além do que lê/vê, que precisamos de um ambiente externo necessário à nossa compreensão dos fatos, sejam reais ou não.

Dentro desse contexto, ocorre um flerte com o fantástico, afinal, esse momento insinua que o decorrer dos fatos parece estar suspenso em uma realidade que pode vir a ser confirmada ou não. Para Todorov (1981),

O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 1981, p. 15-16).

O espaço noturno de incerteza em que a racionalidade não pode nos fornecer uma resposta precisa é propício para o desenrolar do fantástico. Assim, o texto abre espaço para que o leitor duvide de seu narrador, pois tudo pode não passar de uma ilusão ou erro do observador.

Percebemos que a movimentação da dançarina vai além do tempo na busca de uma conexão primordial. Esse elemento na crônica se desenvolve a partir de uma conexão sexual entre observador e observado, sem que ocorra necessariamente o contato físico entre as partes. Seguindo essa linha de pensamento, a dança e o sexo carregam semelhança simbólica e a crônica consegue agregar isso ao explorar a sensualidade como a tensão inerente entre dois seres. Esses elementos estimulam a tensão do entrecho, pois ocorre uma busca por realização do sujeito, dessa forma a busca do narrador se realiza pela tentativa de saciar as diversas questões que são levantadas pela presença da dançarina.

Dado isso, percebe-se um jogo interessante entre luz e noite, já que a luz está sempre a ameaçar esse frágil espetáculo e a conclusão, além da reviravolta, acontecem em plena luz do dia, sendo que, ao acordar pela manhã a identidade da dançarina é revelada para o narrador como algo incomum. O momento de revelação demonstra o erro ou a inexactidão do narrador-protagonista. Vejamos como a cena é apresentada:

Na manhã seguinte acordei e a primeira coisa que fiz foi ver se ela ainda estava lá. Estava. Juro. E ainda dançava. [...] Só que não era nenhuma mulata escultural como eu imaginava. Era uma maravilhosa samambaia presa no teto da varanda que escorregava seus galhos e suas folhas até o chão e dançava sim, embalada pelo vento matinal da primavera. [...] Ainda agora, escrevendo esta crônica, olho para ela. E ela para mim, como se a balançar o braço, me chamando para um amor ecológico (PRATA, 2007, p. 91).

O que poderia, ou pode, soar como uma decepção, é, na verdade, um bom motivo para o riso provocado pelo texto. Nesse instante, todos somos afetados pela reação diante do lido. Aqui ocorre algo comum no ato da leitura: o texto ficcional produz efeitos em que lê.

Nesse contexto, a revelação provoca uma incongruência dentro dos caminhos percorridos pelo leitor, já que a descrição da bela dançarina ainda persiste na memória e se choca com a visão da samambaia. Esse momento provoca o riso por conta da quebra da tensão e do suspense desenvolvido durante o percurso do texto. Iser (1979) define esse momento como parte essencial para o desenvolvimento da relação texto/leitor:

Nesta correção que o texto impõe da representação mobilizada, forma-se o horizonte de referência da situação. Esta ganha contornos, que permite ao próprio leitor corrigir suas projeções. Só assim ele se torna capaz de experimentar algo que não se encontrava em seu horizonte (ISER, 1979, p. 89).

A mudança no horizonte referencial do texto permite surgir uma nova experiência ao leitor. Dentro das ações pragmáticas, o leitor carrega uma série de pressupostos do que pode ser apresentado dentro de uma crônica, mas o ser enlaçado pelo estranho e pela

revelação final, em suas expectativas se expande através do seu olhar que contempla duas imagens distintas: a da dançarina e a da planta.

É preciso indicarmos, também, o papel da noite na crônica em destaque, já que é o palco necessário à imaginação do narrador-personagem. A noite se constitui como o ambiente necessário para o desenrolar dos acontecimentos, visto que ao ser combinada com a imprecisão do narrador, conduz a narrativa para um universo misterioso e sensual. Em seu aspecto simbólico, “[...] a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida” (CHEVALIER e GHERBRAANT, 2006, p. 640). Essa definição remete à tensão construída dentro da crônica, já que o ambiente noturno representa o mistério e a incerteza, porém prepara o leitor para a revelação que só pode acontecer pela manhã, quando a luz revela os mistérios trazidos pela noite. Além do mais, a identidade da dançarina é exposta pelo poder revelador da manhã.

A ironia, porém, se insere quando após a revelação, o narrador ainda se sente inclinado a observar a planta novamente e sugere que isso ainda possa acontecer. O fascínio pela planta pode levar a conclusões apressadas, afinal, nesse instante, a imaginação leitora ainda ecoa sobre o narrador-personagem, o qual quer, em vez da planta, seus sentidos e significados anteriores. Vejamos o trecho seguinte:

Anseio pela noite que vem aí. Ela sabe que eu vou estar na janela. Desta vez de luz acesa, sem disfarces. Se eu tiver coragem, hoje de noite eu a peço em casamento. Depende das doses de uísque. (PRATA, 2007, p. 91).

Mesmo após a revelação da realidade, ainda há o desejo pela sensualidade que ocorre durante as incertezas da noite. Sendo a manhã o momento de clareza, o personagem ainda deseja se perverter pela noite e reestabelecer ao ocorrido anterior, só que dessa vez mais confiante e certo de si.

Dessa forma, o texto se desenrola a partir do cotidiano, mas utiliza de diversas ferramentas para provocar a quebra da normalidade. Ao avançar do entrecho, ocorrem encontros entre o racional e o irracional, condições que enquadram o retorno para o cotidiano. Isso gera o riso e o narrador ainda indica um interesse de revisitar a experiência, preferindo a ilusão do que a experiência cotidiana. Por fim, o leitor inicia uma leitura despreziosa e sua percepção é realçada para um ponto do cotidiano, algo que poderia passar despercebido, mas é realçado pelo humor da revelação final. O narrador-personagem se aproxima do olhar do leitor colocando-nos na posição de observador dos momentos que ele captura durante a crônica em questão.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1980 (Vol. 5).

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências fundamentais da *Poieshis, Aesthesis e Cartase*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Luiz Costa. O Leitor Demanda (d)a Literatura. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PRATA, Mario. **Cem melhores crônicas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução a literatura fantástica**. Introduction a literature fantastique. Editions du Seuil, 1981.